

FINANÇAS

Os sinais de riqueza nos afastam da prosperidade



A estabilidade econômica dos últimos anos e a atual situação no Brasil permite que as classes B, C, D e em alguns casos a E, possam adquirir alguns bens e usufruir de alguns serviços que outrora eram exclusividade das classes imediatamente superiores. Isso nos traz status, e nos eleva, mesmo que ilusoriamente, a condição de cidadãos prósperos. E essa é uma das razões que dificulta e às vezes inviabiliza definitivamente o alcance da independência financeira. Por isso, é importante discernirmos sobre o que é prosperidade de fato, e o que são apenas sinais de riqueza.

Uma boa situação econômica no país não se traduz em melhor distribuição de riquezas, e nem o aumento da renda per capita significa um maior rendimento para todos os cidadãos. O poder de

compra da população cresceu, sobretudo dos que ganham menos, muito mais em crédito relativamente fácil, do que em renda propriamente dita. Nos últimos anos houve um aumento significativo na disponibilidade de linhas crédito aos consumidores, como o cheque especial, cdc, empréstimo consignado, e outras, com limites que chegam ao absurdo de até cinquenta vezes o valor do salário mensal de um trabalhador. Isso gera uma sensação de potência econômico-financeira na mente do consumidor, e automaticamente leva a um consumismo

desenfreado, pois a cultura consumista da sociedade, aliada à "necessidade" de mostrar-se próspero, muitas vezes faz com que se troque consumo imediato por falta de planejamento; e, status por endividamento, inclusive nas classes mais baixas, o que só faz crescer a disparidade entre a base e o topo da pirâmide. O que se adquire sem a real condição financeira e/ou sustentável, apenas para mostrar-se próspero é um simples sinal de riqueza. Porque simboliza uma condição que não é verdadeira.

Percebem-se os sinais de riqueza na maioria da população. Famílias de classe média com carrões importados e desfrutando de serviços que antes eram só para os mais ricos; trabalhadores com renda familiar em torno de três salários mínimos, com carro do ano (com ar, som e dvd), e ainda comprando pacotes de viagens internacionais, e também de posse de vários equipamentos eletroeletrônicos de última geração, só para ficar na "moda", ou apenas para mostrar aos outros que eles acompanham a evolução tecnológica. Isso não fará ninguém mais rico, porém trará status. Se o orçamento já contempla investimentos e ainda comporta tais compras, não há mal algum, mas do contrário, é preciso repensar. Todavia, a questão é que a mesma grande maioria adquire estes bens e serviços utilizando-se de financiamento que chegam a comprometer 50% do salário, em prestações que variam de 12 a 72 meses, tendo como intuito, apresentar uma condição financeira melhor que a dos outros. Pois é como diz o professor Luiz Antonio Jóia: "A pessoa compra o que não precisa; com dinheiro que não tem; para impressionar quem não conhece". Ou seja, o cidadão se endivida astronomicamente apenas para obter status e apresentar sinais de riqueza para a sociedade, e, no entanto, se distancia cada vez mais da prosperidade, proporcionalmente a quantidade de bens e serviços que adquire desnecessariamente através de crédito, pois os juros consomem toda e qualquer possibilidade de investimento e conseqüentemente dificulta, e as vezes até impossibilita o sucesso financeiro.

É certo que temos de consumir! Porém, a utilização de crédito sem planejamento compromete os investimentos para o futuro, e tende a impossibilitar a aquisição de um bem de capital, como uma casa própria, por exemplo. Mas se há necessidade de comprar algo, então pesquise bem e o faça. Contudo, não se preocupe em trocar seu pc por um notebook, ou sua tv lcd de 32" por uma de 42", só porque seu vizinho assim o fez. E muito menos compre ou troque de carro para mostrar prosperidades aos outros. Além disso, há também uma questão de sustentabilidade. As linhas de crédito não fazem parte dos rendimentos mensais do trabalhador, logo, não são sustentáveis. E quando se alcança um padrão de vida por estes meios, as chances de se frustrar com um choque da realidade é muito grande. Ter de se desfazer de um bem é mais desagradável do que se programar para consegui-lo no futuro. E para que comprar tantos eletroeletrônicos com funções similares, se normalmente só utiliza-se 20% das funções desses equipamentos?

Não estar endividado já é sinal de que se caminha verdadeiramente para a prosperidade. E mais, quem realmente está prosperando, não precisa se preocupar em demonstrar nada, basta conduzir-se naturalmente pelo curso de sua vida e ponto. São os sonhos que temos e que buscamos realizar por intermédio das metas, objetivos e planejamentos, a curto, médio e longo prazo, que nos trazem um o sentimento de prosperidade. Mas se o sonho é ter o que o vizinho tem, ainda que se consiga adquirir um bem de um milhão de dólares, a sensação será sempre de irrealização.

Melhor que parecer próspero é ter bom senso, e investir em educação (formação e conhecimento) e constante atualização profissional. Isso é bom para cada indivíduo, é bom para a sociedade e é ótimo para o país. Pois uma nação endividada pode gerar uma crise global. Vide os Estados Unidos.

Veja outras dicas do administrador Marcelo Theodoro em:

- Planejamento Financeiro Diário
- Sua reserva financeira não é intocável
- O controle financeiro não é pequenez
- Controle Financeiro Atual, Controle Financeiro Ideal e Previsão Financeira Para Aquisições Futuras